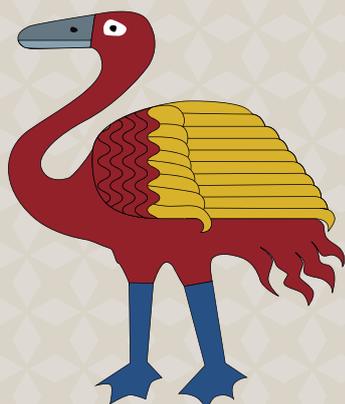
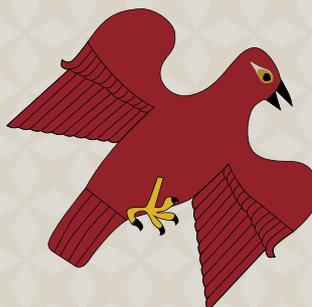
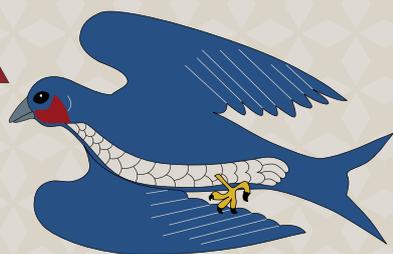
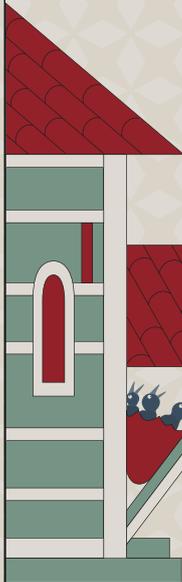


Vidas Manuscritas

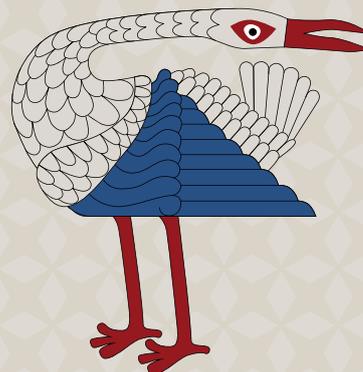


Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



caliandra

COLEÇÃO
MEDIOEVUM
UnB



Vidas Manuscritas

Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Caliandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024. 68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.

CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

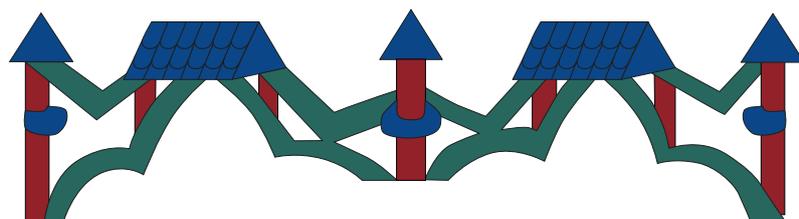
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação 7

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  10
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  33
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  51
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  62
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

- 5** Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa
- 6** Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade
- 7** *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101
Daniel Borges da Fonseca
- 8** *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB

- 9** *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121
Luana Salazar Magalhães
- 10** Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva
- 11** Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144
Karina Cristina de Almeida Nicolau
- 12** Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253



Parte III

Interfaces entre a História e a Linguística
nos manuscritos medievais da UnB

Capítulo 13

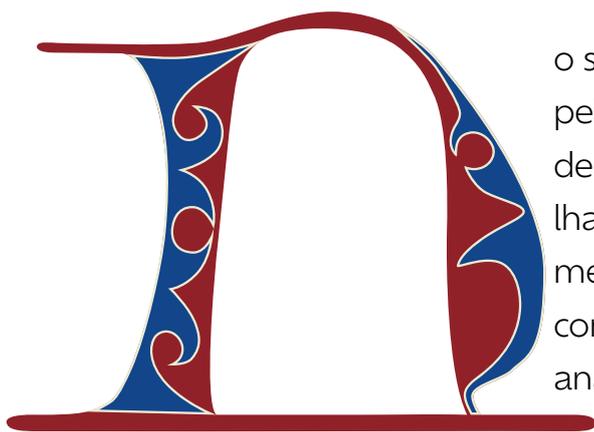
Colocação pronominal
nos manuscritos medievais:
uma ponte para compreender o
português contemporâneo

GIOVANNA DURAN SOARES SANTOS*

GIOVANNA PEDROSA FEITOSA*

*Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.
E-mail: duran.giovanna.1999@gmail.com

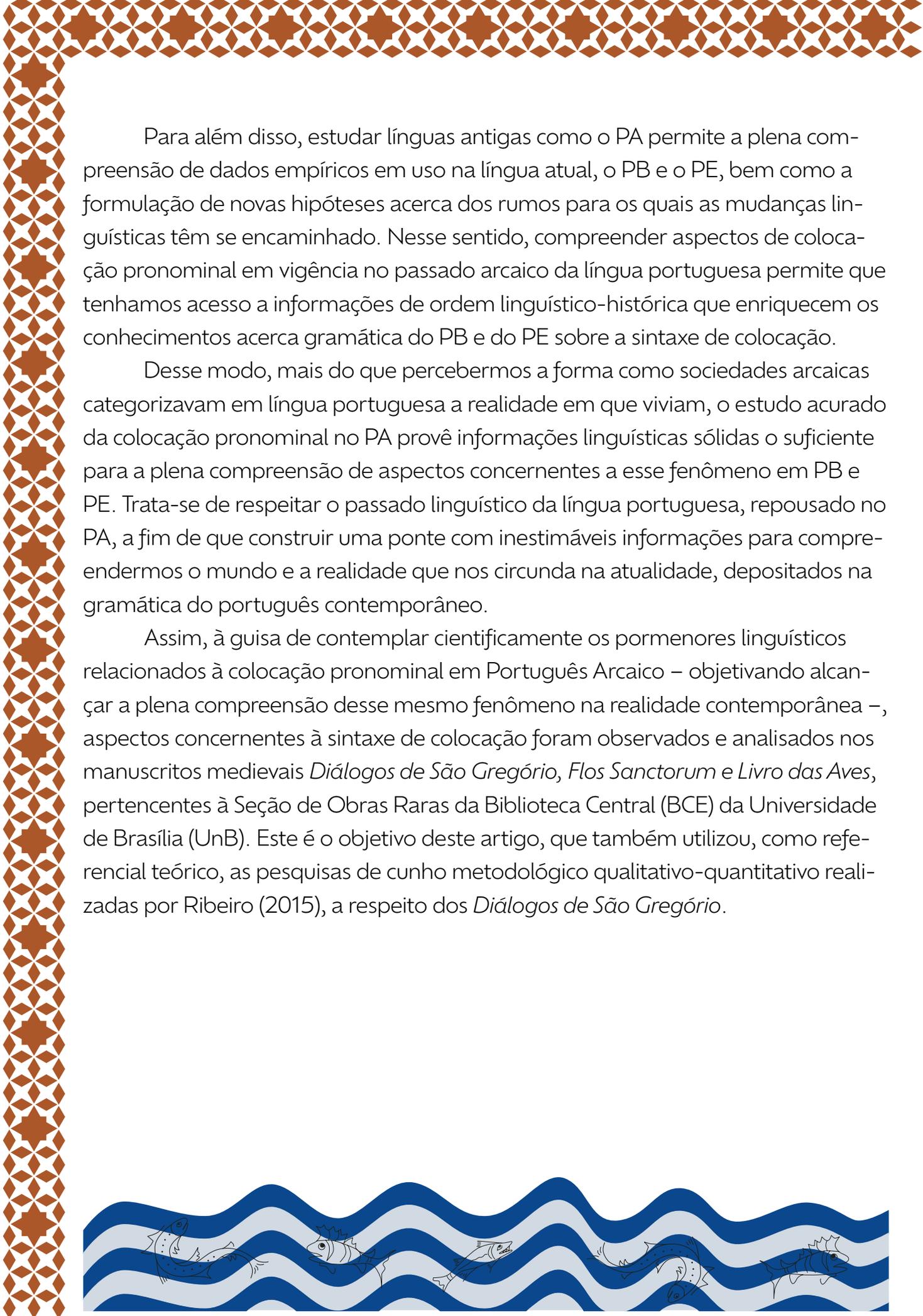
*Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.
E-mail: giovannapedrosa@gmail.com



o século XIX, as línguas naturais eram encaradas pelos estudiosos como entidades que nascem, se desenvolvem, se reproduzem e morrem, à semelhança dos organismos biológicos. Embora atualmente a Linguística moderna não adote mais essas concepções de forma exaustiva, sabe-se que, analogamente aos processos ecológicos dos quais a Biologia se encarrega, as línguas são, assim como os seres vivos, entidades dinâmicas e, por isso, sempre estão mudando com o passar do tempo (ILARI; BASSO, 2006).

Dessa forma, ao adotarmos a concepção de que as línguas naturais categorizam a realidade em que vivemos por meio de um processo de etiquetagem do universo que nos circunda (BIDERMAN, 2001), torna-se possível pressupor que alterações substanciais nos contextos sociais, históricos, políticos e geográficos de um povo naturalmente gerem transformações na configuração estrutural de um sistema linguístico. Nesse aspecto, à medida que diferenças culturais entre duas sociedades acentuam-se, as mudanças nas línguas de seus falantes passam a fundamentar dois universos distintos, os quais, por se tratarem de línguas de cultura, “interessa aos seus usuários e utentes preservar” (HOUAISS, 1992, p.11).

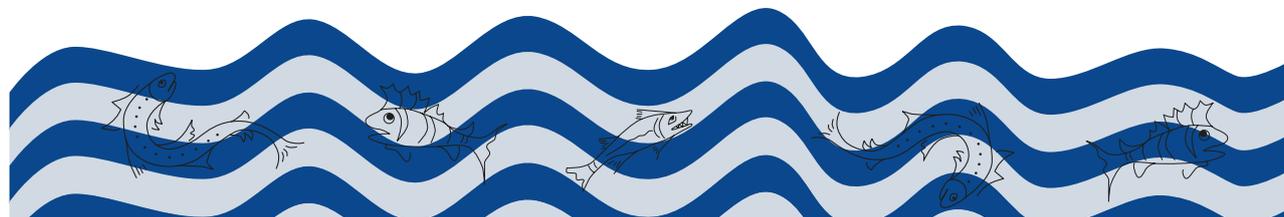
Sob essa perspectiva, o estudo de aspectos gramaticais do Português Arcaico (PA), embora seja considerado como uma espécie de erudição –pressuposto de que conhecimentos não diretamente aplicáveis na realidade vigente não são relevantes –, permite que uma contextualização histórica adequada acerca de períodos pretéritos do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE) seja realizada (MATTOS E SILVA, 2022, p. 15). Essa construção histórico-linguística, por sua vez, fornece importantes informações que alimentam pesquisas atuais em Linguística teórica. Assim, repensar a evolução linguística – uma vez que, “nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma” (MATTOS E SILVA, 2022, p. 16) – propicia levantar argumentos que desenvolvam teorias cujo escopo tem como finalidade a explicação de mecanismos cognitivos e psicológicos na base de línguas históricas.



Para além disso, estudar línguas antigas como o PA permite a plena compreensão de dados empíricos em uso na língua atual, o PB e o PE, bem como a formulação de novas hipóteses acerca dos rumos para os quais as mudanças linguísticas têm se encaminhado. Nesse sentido, compreender aspectos de colocação pronominal em vigência no passado arcaico da língua portuguesa permite que tenhamos acesso a informações de ordem linguístico-histórica que enriquecem os conhecimentos acerca gramática do PB e do PE sobre a sintaxe de colocação.

Desse modo, mais do que percebermos a forma como sociedades arcaicas categorizavam em língua portuguesa a realidade em que viviam, o estudo acurado da colocação pronominal no PA provê informações linguísticas sólidas o suficiente para a plena compreensão de aspectos concernentes a esse fenômeno em PB e PE. Trata-se de respeitar o passado linguístico da língua portuguesa, repousado no PA, a fim de que construir uma ponte com inestimáveis informações para compreendermos o mundo e a realidade que nos circunda na atualidade, depositados na gramática do português contemporâneo.

Assim, à guisa de contemplar cientificamente os pormenores linguísticos relacionados à colocação pronominal em Português Arcaico – objetivando alcançar a plena compreensão desse mesmo fenômeno na realidade contemporânea –, aspectos concernentes à sintaxe de colocação foram observados e analisados nos manuscritos medievais *Diálogos de São Gregório*, *Flos Sanctorum* e *Livro das Aves*, pertencentes à Seção de Obras Raras da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB). Este é o objetivo deste artigo, que também utilizou, como referencial teórico, as pesquisas de cunho metodológico qualitativo-quantitativo realizadas por Ribeiro (2015), a respeito dos *Diálogos de São Gregório*.



A aplicação da Lei Tobler-Mussafia aos dados do Português Arcaico

De acordo com Ribeiro (2015), no fim do século XIX, os teóricos Adolf Tobler e Adolfo Mussafia observaram que, no Francês Arcaico e no Italiano Arcaico, os pronomes clíticos, conhecidos pela tradição gramatical como oblíquos átonos, não ocorriam em posição inicial de sentença. Ainda consoante Ribeiro (2015), diversos outros estudiosos, gramáticos e filólogos fizeram observações similares em relação a outras línguas românicas arcaicas, como o Provençal Arcaico, o Romeno Arcaico e o Espanhol Arcaico.

No mesmo século em que Tobler e Mussafia observaram esse fenômeno, Jakob Wackernagel defendeu a hipótese de que, nas línguas indo-europeias, os elementos clíticos geralmente aparecem enclíticos ao primeiro elemento acentuado da sentença, de modo que a interdição de clítico em primeira posição, percebida como um aspecto linguístico sistemático nessas línguas, passou a ser conhecida como *Lei Tobler-Mussafia* (RIBEIRO, 2015, p.120). *Benincà* (1992) resumiu a generalização da *Lei Tobler-Mussafia* (doravante T-M) por meio de duas fórmulas:

- (1) **A) *# CLITIC-VERB**
 B) # (X Y) VERB-CLITIC.

Essas formalizações, por sua vez, foram explicitadas por Ribeiro (2015) da seguinte maneira:

A fórmula em (1a) diz que o clítico antes do verbo, em posição inicial de sentença, é agramatical. Isso significa que, se nenhum constituinte aparece antes do verbo, o clítico deve seguir o verbo. A fórmula em (1b) diz que clítico seguindo um verbo flexionado é gramatical, quer em posição inicial, quer em posição interna da sentença. Desse modo, nas línguas românicas arcaicas e, segundo observação de Wackernagel, nas línguas indo-europeia em geral, o fenômeno de complemento pronominal em segunda posição deriva da impossibilidade do clítico pronominal ocorrer em posição inicial de sentença (RIBEIRO, 2015, p.120).

Além disso, Ribeiro (2015) afirma que essa restrição de complemento pronominal em segunda posição tem sido atestada em documentos das fases arcaica e clássica do português, e é ainda observada no Português Europeu moderno. Nesse aspecto, ainda consoante a mesma autora, a generalização T-M, que sistematicamente demonstra como a próclise é agramatical em posição inicial de sentença, coloca a ênclise como obrigatória nesses casos. Desse modo, em PA, os contextos de ênclise obrigatória e sistemática são os de sentenças raízes inicializadas por uma forma verbal, como fica visível nos exemplos em (2), retirados dos *Diálogos de São Gregório* (DA SILVA NETO, 1950), e em (3), retirados do *Flos Sactorum* (MACHADO FILHO, 2009):

- (2)
- A. “(...) E ACHANDO-ME SÊ AQUELA DEVOÇÕ E SÊ AQUEL AMOR DE DEOS (...)” (P.1)
 - B. “(...) NĒBRA-SSE QUAL FOY QUÃDO EU NO MOSTEIRO VIVIA (...)” (P.1)
 - C. “(...) MAIS ROGO-TE QUE MI DIGASSE AQUESTE TÃ SANCTO PADRE DE QUE SUSO FALASTI LEYXOU DEPÓS SY ALGÛU SEU DISCIPOLO QUE O SEGUYSSE (...)” (P.9)
 - D. “(...) DISSE-LHIS QUE TOMASSĒ OS AZORRAGUES QUE TRAGIA CON QUE FAZIA ANDAR O CAVALO (...)” (P.10)
 - E. “È ELES DECERÕ DAS BESTAS E POSERÕ-NO CONTRA SA VOON TADE EN CIMA DE SEU CAVALO DE QUE O PRIMEIRAMĒTE DERRI BARÕ (...)” (P.10)
- (3)
- A. “È DEPOIS QUE PASSOU A VĒSPERA, CONVIDOU-NOS E LEVOU -NOS A HÛA PALMA.” (P.104)
 - B. “È DEYTOU-SE LONGE QUE SE NÕ OUSAVA CHEGAR (...)” (P.104)
 - C. “(...) LEYXOU-SE HUÛ BOY QUE NÕ HAVIA MAIS DUÛ CORNO YR A ELA E FERIO-A EM SA ESPADOA E LEYXOU O CORNO EM ELA.” (P.112)

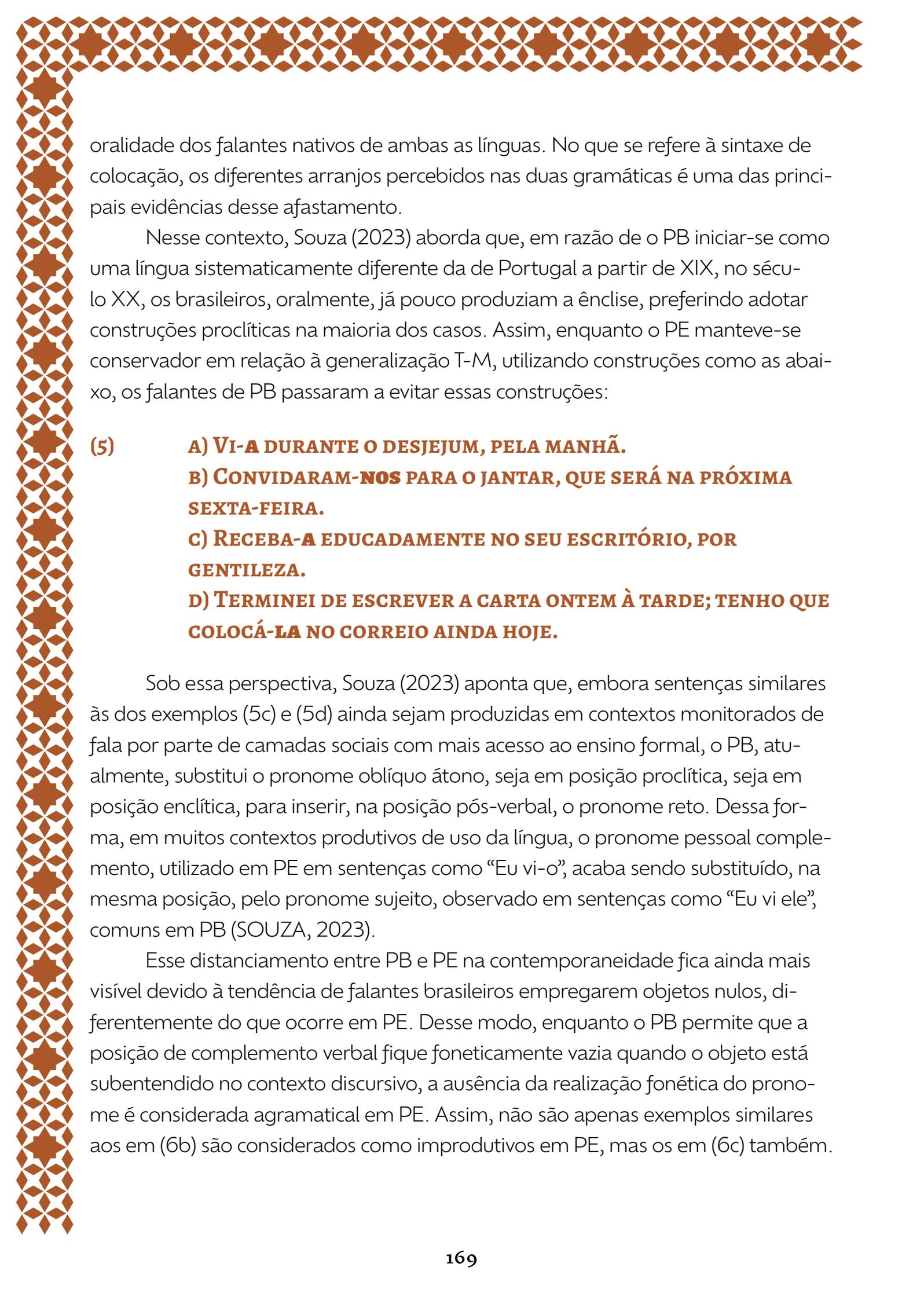
Ribeiro (2015) ainda ressalta que, mesmo nas sentenças declarativas raízes introduzidas por uma conjunção coordenativa, o padrão Verbo prosseguido de Clítico permanece, de modo que, mais uma vez, a generalização T-M mostra-se sistemática em PA, fato que fica visível nos exemplos tirados dos *Diálogos de São Gregório*, do *Flos Sanctorum* e do *Livro das Aves*:

- (4) **A) “E TORNARÕ-SE MUYT’ AGIHA”(DA SILVA NETO, 1950, P.10)**
 B) “(...) E DEYTOU-O A LONGE E POSE-LHI A MAÃO SOBRELA CHAGA (...).” (MACHADO FILHO, 2009, P.113)
 C) “E ASSEMELHA-LAS-EMOS AOS COSTUMES QUE OS HOMÊES AM.” (DA SILVA NETO, 1965, P.19)
 D) “CA O QUE BÕÕ HE NÕ SE PAGA DE DIZER MAL DE NÊGÛÛ PRE ANDO-LHI E TOLHENDO-LHI SA FAMA PER QUE VIVE” (DA SILVA NETO, 1965, P.20)

Como pensar o português contemporâneo a partir do Português Arcaico?

De acordo com Souza (2023), a Linguística Histórica demonstra que há períodos de aquisição de novas estruturas linguísticas, bem como a perda de elementos fonéticos, morfológicos e sintáticos de uma língua. Nessa perspectiva, no escopo da Teoria Gerativa, à medida que essas mudanças configuram alterações substanciais nos parâmetros linguísticos, fala-se no advento de uma nova gramática para um sistema que, inicialmente, era unitário.

Desse modo, observar a generalização T-M no período arcaico de língua portuguesa, bem como as ramificações desse fenômeno em português contemporâneo, sobretudo nas variantes brasileira e portuguesa dessa língua, permite delinear duas gramáticas distintas em relação à colocação pronominal, ressaltando distinções sintático-gramaticais entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE). Ainda consoante Souza (2023), sabe-se que, naturalmente, ocorreram modificações e distanciamentos entre o PB e o PE, contraste que fica visível na



oralidade dos falantes nativos de ambas as línguas. No que se refere à sintaxe de colocação, os diferentes arranjos percebidos nas duas gramáticas é uma das principais evidências desse afastamento.

Nesse contexto, Souza (2023) aborda que, em razão de o PB iniciar-se como uma língua sistematicamente diferente da de Portugal a partir de XIX, no século XX, os brasileiros, oralmente, já pouco produziam a ênclise, preferindo adotar construções proclíticas na maioria dos casos. Assim, enquanto o PE manteve-se conservador em relação à generalização T-M, utilizando construções como as abaixo, os falantes de PB passaram a evitar essas construções:

- (5)
- A) VI-A DURANTE O DESJEJUM, PELA MANHÃ.**
 - B) CONVIDARAM-NOS PARA O JANTAR, QUE SERÁ NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA.**
 - C) RECEBA-A EDUCADAMENTE NO SEU ESCRITÓRIO, POR GENTILEZA.**
 - D) TERMINEI DE ESCREVER A CARTA ONTEM À TARDE; TENHO QUE COLOCÁ-LA NO CORREIO AINDA HOJE.**

Sob essa perspectiva, Souza (2023) aponta que, embora sentenças similares às dos exemplos (5c) e (5d) ainda sejam produzidas em contextos monitorados de fala por parte de camadas sociais com mais acesso ao ensino formal, o PB, atualmente, substitui o pronome oblíquo átono, seja em posição proclítica, seja em posição enclítica, para inserir, na posição pós-verbal, o pronome reto. Dessa forma, em muitos contextos produtivos de uso da língua, o pronome pessoal complemento, utilizado em PE em sentenças como “Eu vi-o”, acaba sendo substituído, na mesma posição, pelo pronome sujeito, observado em sentenças como “Eu vi ele”, comuns em PB (SOUZA, 2023).

Esse distanciamento entre PB e PE na contemporaneidade fica ainda mais visível devido à tendência de falantes brasileiros empregarem objetos nulos, diferentemente do que ocorre em PE. Desse modo, enquanto o PB permite que a posição de complemento verbal fique foneticamente vazia quando o objeto está subentendido no contexto discursivo, a ausência da realização fonética do pronome é considerada agramatical em PE. Assim, não são apenas exemplos similares aos em (6b) são considerados como improdutivos em PE, mas os em (6c) também.

- (6) **A) ONTEM VI O VINÍCIUS, MAS HOJE NÃO O VI.**
B) ONTEM VI O VINÍCIUS, MAS HOJE NÃO VI ELE.
C) ONTEM VI O VINÍCIUS, MAS HOJE NÃO VI __.

Como pensar a norma-padrão e o ensino de gramática normativa a partir dos dados de colocação pronominal do Português Arcaico?

Embora seja de conhecimento dentre os linguistas que a gramática normativa não se configura como uma disciplina com finalidades científicas, mas, sim, pedagógicas – uma vez que busca elencar fatos linguísticos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem usados em circunstâncias discursivas específicas do convívio social (BECHARA, 2019) –, o projeto *Vidas Manuscritas* proporcionou novos conhecimentos cientificamente embasados. Essas informações, por sua vez, foram responsáveis por enriquecer não apenas o campo da gramática descritiva do PA, cujo caráter de natureza científica objetivou, a partir de variados pressupostos metodológicos, registrar e descrever fenômenos arcaicos em língua portuguesa, mas também pensar sobre o ensino de gramática normativa nas escolas de educação básica.

É importante ressaltar que o trabalho com os manuscritos medievais pertencentes à Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB proporcionou, aos graduandos e futuros professores de língua portuguesa em formação pela instituição, novos saberes histórico-linguísticos mediante os quais novas estratégias de ensino, tais como metodologias ativas, podem ser utilizadas, a fim de maximizar o aprendizado dos conteúdos ensinados, suscitando, nos estudantes, o interesse pela gramática normativa e pela língua portuguesa.

Sob essa ótica, mostrar aos estudantes que as normas encontradas na tradição gramatical, como a que pressupõe a ênclise ser preferida em detrimento da próclise em construções iniciadas por verbo, como previu a generalização T-M, também servem para descrever os parâmetros gramaticais do PA, pode contribuir para a compreensão completa desse fenômeno linguístico. Desse modo, os estudantes podem refletir linguística e historicamente sobre o poema comumente utilizado para iniciar os estudos de colocação pronominal – *Pronominais*, do poeta modernista Oswald de Andrade (1972), transcrito a seguir –, para além de interpretá-lo sincronicamente.

PRONOMINAIS
DÊ-ME UM CIGARRO
DIZ A GRAMÁTICA
DO PROFESSOR E DO ALUNO
E DO MULATO SABIDO
MAS O BOM NEGRO E O BOM BRANCO
DA NAÇÃO BRASILEIRA
DIZEM TODOS OS DIAS
DEIXA DISSO CAMARADA
ME DÁ UM CIGARRO
(ANDRADE, 1972)

Considerações finais

Ao examinar a colocação pronominal nos manuscritos medievais *Diálogos de São Gregório*, *Flos Sanctorum* e *Livro das Aves*, pertencentes à Seção de Obras Raras da Biblioteca Central (BCE), da Universidade de Brasília (UnB), testemunhamos não apenas as mudanças gramaticais entre o Português Arcaico (PA) e o português contemporâneo, mas a emergência de dois sistemas linguísticos próprios na contemporaneidade, o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE).

Assim, a autonomia do PB em relação ao PE, evidenciada por fenômenos como a pouca produtividade da ênclise na fala de brasileiros – bem como a ocorrência de pronomes sujeito em posição de complemento verbal, além do surgimento de objetos nulos como uma inovação do PB em detrimento ao PA – destaca uma trajetória única de desenvolvimento do PA para o português contemporâneo falado no Brasil, podendo-se observar a existência de duas gramáticas em contraste, a do PB e a do PE, com o mesmo ancestral comum, o PA.

Para além disso, a divulgação científica de conhecimentos robustos no âmbito da Linguística Histórica, proporcionada pelo projeto *Vidas Manuscritas*, ofereceu aos mediadores da exposição não apenas a oportunidade de imergirem no percurso diacrônico acerca da colocação pronominal do português, mas também novas possibilidades didático-metodológicas de ensino da norma padrão nos contextos da educação básica, fator que mostra como a gramática descritiva e a produção científica oriunda dessa abordagem teórica tem muito a acrescentar no que diz respeito às funções pedagógicas da gramática normativa.

Por fim, é válido ressaltar que, além da imensa contribuição proporcionada pelo projeto *Vidas Manuscritas* às comunidades interna e externa à UnB no âmbito educacional, o trabalho com os manuscritos medievais proporcionou, a todos os que tiveram a chance de terem contato com esses documentos, a oportunidade de um maior acesso à própria cidadania, uma vez que a mediação os levou a repensar os modelos de vida e as concepções éticas, morais e sociais que adotamos enquanto sociedade. O percurso linguístico-histórico da sintaxe de colocação em língua portuguesa ao longo dos séculos proporcionou uma incursão nas mudanças do PA até o surgimento de duas gramáticas distintas em português contemporâneo, mas, principalmente, conferiu aos falantes de língua portuguesa a possibilidade de valerem-se de sua ancestralidade histórica e linguística a fim de que a expressividade com que utilizam a própria língua continue a ressoar, diacronicamente, por muitos séculos.

Referências

Bibliografia:

ANDRADE, Oswald. *Obras completas, Volumes 6-7*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39.^a ed., ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENINCÃ, Paola. Complement clitics in medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law. In: **BATTYE**, A.; **ROBERTS**, I. *Clause Structure and Language Change*. New York: Oxford University Press, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: **OLIVEIRA**, Ana Maria Pinto Pires de; **ISQUERDO**, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

HOUAISS, Antonio. *O Português no Brasil*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

ILARI, Rodolfo; **BASSO**, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um Flos Sactorum trecentista em português*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

RIBEIRO, Ilza. Algumas reflexões sobre a atuação da Lei Tobler-Mussafia no português arcaico.

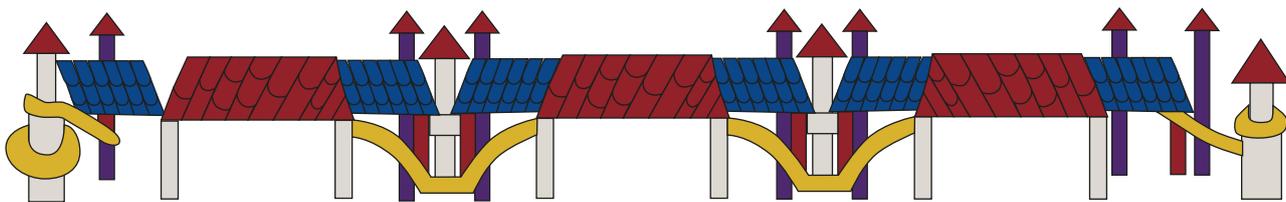
In: **RIBEIRO**, Ilza. *Ensaio em sintaxe diacrônica do português*. Salvador: Edufba, 2015, p.119-132.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2022, p.15-19.

SILVA NETO, Serafim da *Diálogos de São Gregório*. Edição crítica, segundo os três manuscritos conhecidos, organizada e prefaciada por Serafim da Silva Neto. Coimbra: Atlântida: 1950.

_____. *Livro das Aves*. Brasil: Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura, 1965.

SOUZA, Yuri dos Santos. *Colocação pronominal no português: breve história, uso e ensino*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Letras). Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2023.



Libro das Aves

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Tratados do Açor



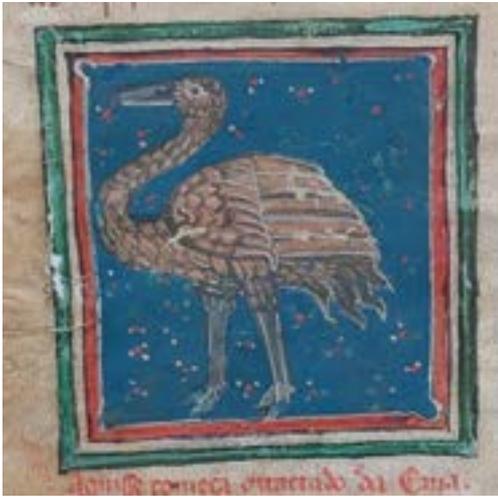
Tratado da Cegonha



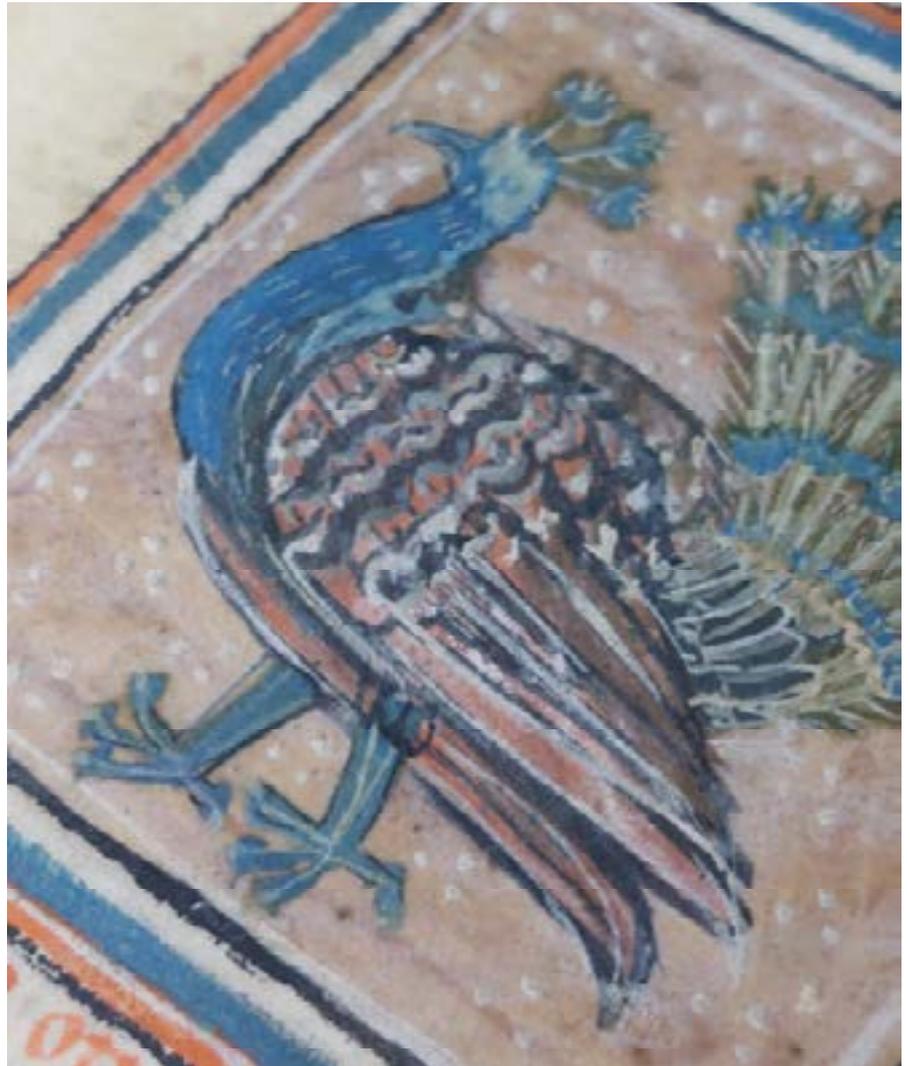
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



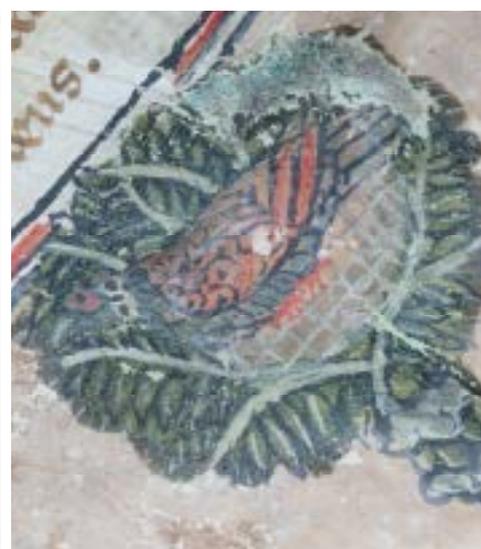
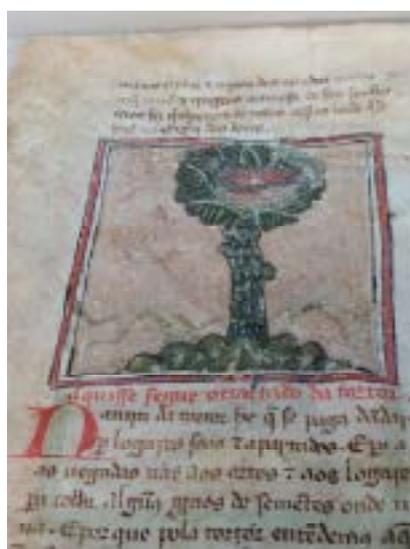
Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



Ezequiel

... de
... dece
... tenha.
... q' falg
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



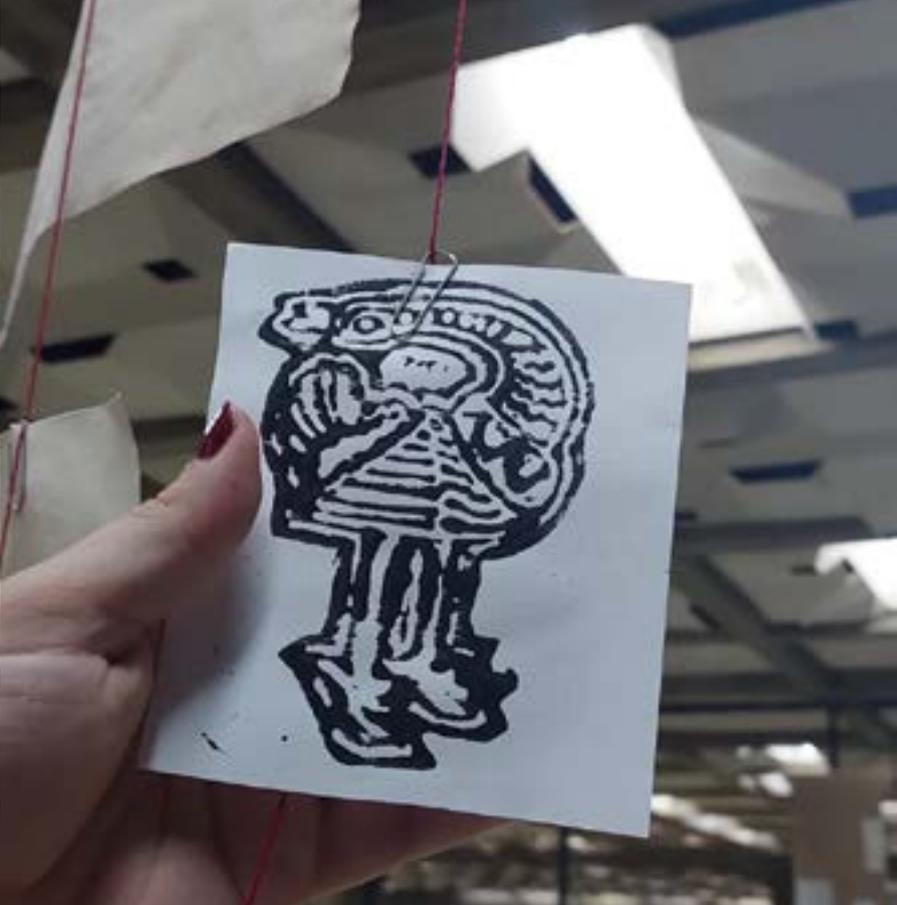
Vidas Fotografadas





**Histórias dos
Diálogos de
São Gregório**

Os textos dos Diálogos de São Gregório são uma obra de grande importância para a história da literatura e da teologia. Eles são uma obra de grande importância para a história da literatura e da teologia. Eles são uma obra de grande importância para a história da literatura e da teologia.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE



EXPOSIÇÃO

Visas Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h



OBRAS RARAS BCE-UNB

Visas Femininas Danuscritas



Visas Danuscritas

EXPOSIÇÃO

Visas Femininas Danuscritas



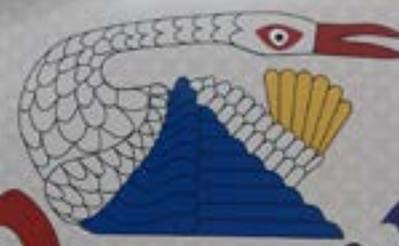
Visas Danuscritas "O FUTURO SEPARADO É FEMININO"



Femininas



as Dan

Visas








Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

